

DE OUTUBRO DE 1910

HELDER RIBEIRO DE IR BUSCAR A CASA ALMIRANTE CÂNDIDO DOS REIS

encontro, confesso que me deixou atónito. Mas era possível?

A casa modesta, quase térrea, onde longamente conversámos, casa de praia, de sua irmã D. Haydê Ribeiro Catanho de Menezes, nora de outro grande e respeitado vulto do passado, o falecido dr. Catanho de Menezes, ministro da Justiça à data do movimento de 28 de Maio — essa casa não me surpreendeu. E uma casinha bem modesta, na verdade, quase humilde, naquele burgo pobre que tem como fortuna a so-

lidão e como privilégio a magia suprema da Natureza prodigiosa.

E eu, que conheço tantos homens públicos do meu País a viver em casas modestas, lembrei-me então de como foram cruelmente caluniados tantos deles — que subiram e desceram as escadas do Poder com a carteira vazia e as mãos limpas... Só o tempo faz justiça aos homens... Agora, o julgamento justo, sereno, isento de paixões, vai soando finalmente para muitos deles.

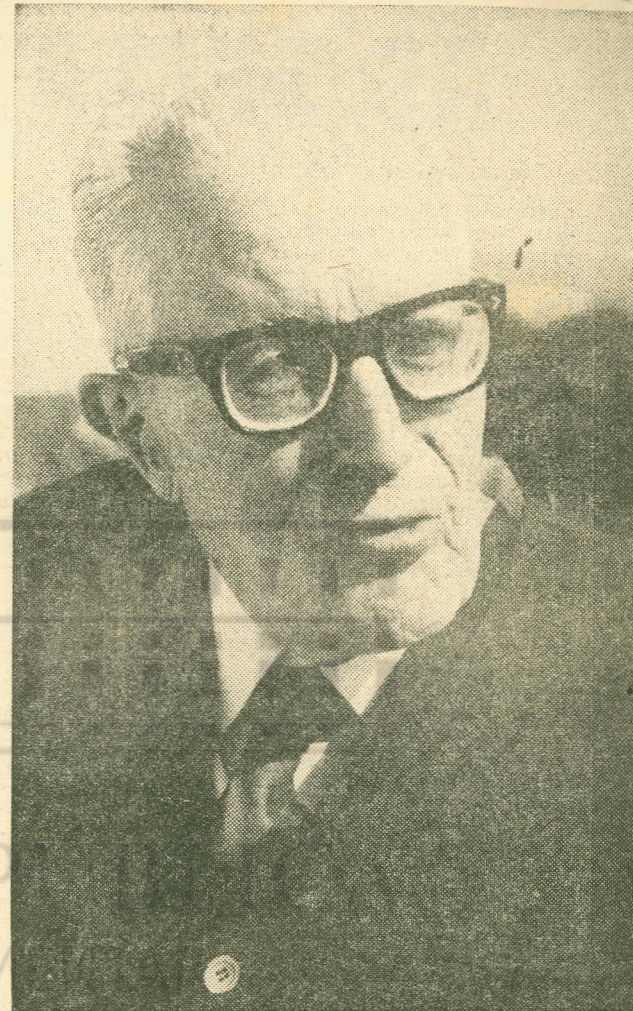
— E a revolução de 5 de Outubro?

— Estávamos todos aliados. Tínhamos recebido novas adesões. João Chagas sabia lidar com oficiais — e foi quem alinou a sua participação no movimento. Tendo ido ao Porto em fins de Setembro de 1910, numa tarefa de ligação, com uma carta para Basílio Teles, encontrei-me na estação de S. Bento com Carlos da Maia, que me avisou: «A revolução foi antecipada e sai a 3 ou a 4 de Outubro...» E viemos ambos para Lisboa. Tivemos a última reunião na Rua da Esperança. Recebi a minha tarefa: na madrugada de 4, ir buscar o almirante Cândido dos Reis. Nessa noite fui a pé a casa do grande marinheiro e viemos ambos para o Cais do Gás, onde ele embarcaria para bordo do «Adamastor» a assumir o comando da Marinha e da revolução. Mas a máquina do rebocador que devia conduzi-lo ava-

ros tristonhos que davam pálidas claridades ao local, àquela hora ermo. O almirante, esse ficou impassível. Fixou-me, e aos emissários, e disse apenas: «Tanto pior... Retirem-se. Eu vou sozinho. Nunca tive medo». E desapareceu nas sombras da noite, com passo firme mas cadenciado. Devo ter sido o último a ouvir a sua voz calma, de homem resoluto. No dia seguinte apareceria morto, na via pública, com uma bala de revólver. Julgando perdida uma causa em que comprometera muitos homens, preferiu redimir com a própria vida aquilo que julgara ser um malogro. Até na morte foi grande esse extraordinário cidadão.

• «E acabei por implantar a República em Sintra...»

O coronel Helder Ribeiro depois de nos falar da ansiedade em que passou o resto da madrugada, desti-



Máscara vigorosa aos 89 anos de idade

No caminho para a República

• «Tudo começou com o 28 de Janeiro...»

Ao receber-me, Helder Ribeiro disse-me logo de entrada:

— É evidente que tenho o maior prazer em acolher hoje, nesta casa, «A Capital», mas quem recebo, verdadeiramente, e a quem me disponho a responder, é ao filho do meu saudoso amigo e querido companheiro de armas, que foi o brigadeiro Barrêto de Oliveira. É como se o tivesse, a ele trágico, junto de mim!

na sua descrença?» Cândido dos Reis decidira-se. Poucos dias depois fui-lhe apresentado, durante uma reunião nocturna celebrada numa drogaria. Era um homem singular, impressionante — um grande homem! Outros se nos juntaram: Vitorino Godinho, Maia Magalhães, Vicente Ferreira, Vitorino Guimarães, Rui Ribeiro, Alvaro Pope, João Soares, Raul Cascais, Henrique Paço d'Arcos, Sant'Anna Cabrita, Alvaro Lamy, Carlos da Maia, Moura Brás, sei lá quantos...

entusiasmo com a certeza da vitória republicana.

Imagine — prossegue — que os civis cercaram-me para me pedir que arrancasse a coroa real do meu boné. Naquelas horas febris eu lembrava-me lá da coroa no boné!... Mas arranquei-a ali mesmo, evidentemente. E sabe que sucedeu? Acabámos — João Chagas e eu — por proclamar a República em Sintra... depois do que voltámos para Lisboa com Correia Barreto — que seria o ministro da Guerra do Governo provisório.

elementares. Ao ver tão provocadora irreverência dirigi-me assim, em voz alta, a Correia Barreto: «Meu ministro! A República dispensa os srs. generais de se fazerem anunciar?» O general — que seria, entretanto, exonerado do cargo — saiu do gabinete sem uma palavra. Correia Barreto sorriu-se e também não disse uma palavra. Ele era um homem correctíssimo. E eu tenho de confessar que me excedi e perdi a cabeça...

Entrevista de
MAURÍCIO DE OLIVEIRA